

Natalie D.V.L. Costa, Priscilla Barbosa Paiva,  
Hugo S.L. Mendonça, Marcelle D. Piazi

Instituto Fernandes Figueira (IFF), Fundação  
Oswaldo Cruz (Fiocruz), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

**Introdução:** A tuberculose é uma doença infectocontagiosa causada pelo complexo *Mycobacterium tuberculosis*. O acometimento pulmonar é o de maior importância epidemiológica pois é o responsável por manter a cadeia de transmissão da doença. Em 2018, no mundo, 10 milhões de pessoas adoeceram por tuberculose e 1,5 milhão morreram da doença. Sua principal linha de tratamento é o esquema RHZE, sendo os primeiros 2 meses chamados de fase intensiva pelo uso de R – rifampicina, H- Isoniazida, Z – Pirazinamida e E – Etambutol e os 4 meses seguintes, de fase de manutenção pelo uso de R – rifampicina, H- Isoniazida. O uso indiscriminado de antibiótico é a principal causa da resistência dos antimicrobianos, impactando na limitação da eficácia do tratamento da doença.

**Objetivo:** Apresentar o impacto da resistência antimicrobiana no tratamento de tuberculose, através de uma revisão de literatura.

**Método:** Foi realizada uma busca nas fontes BVS, LILACS E MEDILINE com uso dos descritores: “resistência a medicamentos”, “tuberculose” e “antimicrobianos”, identificados no DeCS. Utilizados como critérios de inclusão artigos dos últimos 5 anos nos idiomas português e inglês. Como critério de exclusão, eliminaram-se os artigos que se repetiam e textos que fugiam ao tema.

**Resultados:** Foram selecionados 11 artigos, sendo apenas 4 elegíveis para análise. Os estudos mostram que os testes de sensibilidade são classificados em três categorias: a monorresistência, multirresistência (resistência simultânea pelo menos a R+H), polirresistência (resistência a dois ou mais fármacos, exceto a associação R+H), sendo predominante a monorresistência, seguida da multirresistência e polirresistência, respectivamente. Também evidenciam que o principal fator contribuinte para a resistência adquirida do *Mycobacterium tuberculosis* aos antimicrobianos é o abandono do tratamento.

**Conclusão:** Ações para garantir a manutenção do tratamento podem impactar nos perfis de resistência microbiana. Logo, a captação e diagnósticos precoces e adesão ao tratamento devem ser fortalecidos por políticas públicas.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2022.102612>

ÁREA: INFECÇÃO PELO HIV-AIDS E ISTS

EP-186

#### PERFORMANCE DE EXAMES LABORATORIAIS NÃO INVASIVOS NO DIAGNÓSTICO DA NEUROTOXOPLAMOSE EM PESSOAS VIVENDO COM HIV/AIDS

Mariana Zanchetta E. Gava,  
Alexandre Naime Barbosa, Helio Langoni

Departamento de Infectologia, Faculdade de  
Medicina de Botucatu, Universidade Estadual  
Paulista (UNESP), Botucatu, SP, Brasil

**Introdução:** A Neurotoxoplasmose é a infecção oportunista (IO) de sistema nervoso central (SNC) mais frequente em Pessoas Vivendo com HIV/Aids (PVHA), sendo patologia em que o diagnóstico presuntivo através de dados clínicos e achados de tomografia (TC) de encéfalo acaba sendo o balizador da indicação de tratamento empírico, devido à ausência de exames laboratoriais não invasivos na rotina que permitam auxiliar a definição etiológica em pacientes com alta suspeição.

**Objetivo:** Avaliar a performance de exames laboratoriais não invasivos no auxílio do diagnóstico etiológico da Neurotoxoplasmose em PVHA.

**Método:** Estudo piloto observacional prospectivo realizado entre fev/2020 a out/2021 que incluiu em amostra de conveniência indivíduos > 18 anos: G1 - Grupo de 7 PVHA com diagnóstico presuntivo de neurotoxoplasmose (critérios clínico+TC SNC compatível) que receberam tratamento empírico específico com Sulfametoxazol-Trimetoprima; G2 - Grupo controle assintomático de 6 PVHA recém-diagnosticados com infecção pelo HIV e contagem de linfócitos T CD4 < 200 e virgens de terapia antirretroviral e sem uso prévio de profilaxia para IOs. Foram avaliados como possíveis marcadores laboratoriais auxiliares na confirmação do diagnóstico etiológico de doença ativa pelo *T. gondii* em amostras sanguíneas: reação da cadeia da polimerase (PCR *T. gondii*), Reação de Imunofluorescência Indireta (RIFI Anti-*T. gondii* IgM/G) e Imunoensaio de Micropartículas por Quimioluminescência (CMIA Anti-*T. gondii* IgM/G). Estudo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

**Resultados:** Ambos os grupos foram homogêneos estatisticamente em relação à idade média (36 anos), e média da contagem inicial de CD4 (61,5 céls.), diferindo na composição de gênero (G1: 67% masculino, G2: 50% masculino). As médias de titulações sorológicas Anti-*T. gondii* IgM e IgG tanto por RIFI ou CMIA se mostraram importantemente aumentadas em G1 em comparação à G2 ( $p < 0,05$ ), sendo que não houve positividade da PCR *T. gondii* na casuística estudada. A mortalidade em G1 foi de 43%, não sendo verificada sequela neurológica nos sobreviventes.

**Conclusão:** As sorologias Anti-*T. gondii* IgM e IgG tanto por RIFI ou CMIA se constituem como exames laboratoriais potencialmente úteis em aumentar a suspeição de neurotoxoplasmose em PVHA com diagnóstico presuntivo dessa IO, entretanto a lacuna de testes não invasivos mais específicos permanece como importante tema para maiores estudos.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2022.102613>

EP-187

#### EPIDEMIOLOGIA DAS INFECÇÕES POR HIV ENTRE 2010 E 2021 NO BRASIL

Ana Flávia de Mesquita Matos,  
Maria Stella Amorim Zöllner

Universidade de Taubaté (UNITAU), Taubaté, SP,  
Brasil

**Introdução:** A infecção pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV) ainda se configura como um grande problema de saúde pública mundial, visto que pode causar a Síndrome

da imunodeficiência Adquirida (SIDA) e, conseqüentemente, ocorrência de doenças oportunistas. O cenário nacional, quanto ao HIV, ainda é profundamente atrelado a estigmas e sofre constante alterações, refletidas na modificação do perfil epidemiológico das pessoas vivendo com esse vírus.

**Objetivo:** Assim, propõe-se analisar a incidência das infecções por HIV durante os anos de 2010 a 2021.

**Método:** Trata-se de um estudo epidemiológico descritivo observacional, baseado em dados provenientes dos Boletins Epidemiológicos de Hanseníase da Secretaria de Vigilância em Saúde, oriundos do Sistema de Informações de Agravos de Notificações do Sistema Único de Saúde (SINAN/DATA-SUS), além de dados quantitativos populacionais, de 2010 a 2021, provenientes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. As variáveis coletadas foram o número de casos de infecção por HIV totais e de acordo com as 5 regiões do país entre 2010 e 2021.

**Resultados:** Constataram-se 355868 casos de HIV no Brasil entre o período de 2010 a 2021, sendo que o ano de 2018 configurou-se como o ano com a maior porcentagem de casos confirmados (12,84%). Com relação aos dados analisados, constatou-se que a região Nordeste apresentou a maior porcentagem de casos de HIV (20,67%) entre 2010 e 2021. Foi observado um aumento da incidência de infecção por HIV, passando de 5,69 casos por 100.000 habitantes em 2010 para 21,92 em 2018. Entretanto, evidenciou-se uma queda abrupta da incidência em 2020 e 2021 que passou, respectivamente, para 15,44 e 7,13, devido a uma provável subnotificação dos casos, decorrente da pandemia de COVID-19.

**Conclusão:** Dessa forma, por meio do levantamento desses dados conclui-se que há necessidade de fortalecimento da capacidade dos sistemas de Vigilância Epidemiológica com relação a estratégia de saúde, além de identificação dos fatores de risco e de investimento em recursos midiáticos que informem a população acerca das formas de transmissão do HIV, conferindo mecanismos efetivos e aplicáveis de prevenção e assistência, para que assim seja possível uma redução efetiva do número de casos dessas infecções.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2022.102614>

#### EP-188

##### EPIDEMIOLOGIA DAS INFECÇÕES POR HIV ENTRE 2010 E 2021 NO BRASIL

Ana Flávia de Mesquita Matos,  
Maria Stella Amorim Zöllner

Universidade de Taubaté (UNITAU), Taubaté, SP,  
Brasil

**Introdução:** A infecção pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV) ainda se configura como um grande problema de saúde pública mundial, visto que pode causar a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA) e, conseqüentemente, ocorrência de doenças oportunistas. O cenário nacional, quanto ao HIV, ainda é profundamente atrelado a estigmas e sofre constante alterações, refletidas na modificação do perfil epidemiológico das pessoas vivendo com esse vírus.

**Objetivo:** Assim, propõe-se analisar a incidência das infecções por HIV durante os anos de 2010 a 2021.

**Método:** Trata-se de um estudo epidemiológico descritivo observacional, baseado em dados provenientes dos Boletins Epidemiológicos de Hanseníase da Secretaria de Vigilância em Saúde, oriundos do Sistema de Informações de Agravos de Notificações do Sistema Único de Saúde (SINAN/DATA-SUS), além de dados quantitativos populacionais, de 2010 a 2021, provenientes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. As variáveis coletadas foram o número de casos de infecção por HIV totais e de acordo com as 5 regiões do país entre 2010 e 2021.

**Resultados:** Constataram-se 355868 casos de HIV no Brasil entre o período de 2010 a 2021, sendo que o ano de 2018 configurou-se como o ano com a maior porcentagem de casos confirmados (12,84%). Com relação aos dados analisados, constatou-se que a região Nordeste apresentou a maior porcentagem de casos de HIV (20,67%) entre 2010 e 2021. Foi observado um aumento da incidência de infecção por HIV, passando de 5,69 casos por 100.000 habitantes em 2010 para 21,92 em 2018. Entretanto, evidenciou-se uma queda abrupta da incidência em 2020 e 2021 que passou, respectivamente, para 15,44 e 7,13, devido a uma provável subnotificação dos casos, decorrente da pandemia de COVID-19.

**Conclusão:** Dessa forma, por meio do levantamento desses dados conclui-se que há necessidade de fortalecimento da capacidade dos sistemas de Vigilância Epidemiológica com relação a estratégia de saúde, além de identificação dos fatores de risco e de investimento em recursos midiáticos que informem a população acerca das formas de transmissão do HIV, conferindo mecanismos efetivos e aplicáveis de prevenção e assistência, para que assim seja possível uma redução efetiva do número de casos dessas infecções.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2022.102615>

#### EP-189

##### SARCOMA DE KAPOSÍ OCULAR COMO MANIFESTAÇÃO INICIAL DA SÍNDROME DE IMUNODEFICIÊNCIA ADQUIRIDA

Victória Spínola Duarte de Oliveira,  
Christini Takemi Emori,  
Raquel Cordeiro Mendes,  
Evelyn Lepka de Lima,  
Gabriela Trindade Calixto,  
Ana Luiza Castro Conde Toscano

Instituto de Infectologia Emílio Ribas (IIER), São  
Paulo, SP, Brasil

**Introdução:** O Sarcoma de Kaposi (SK) ocular é uma manifestação rara na apresentação inicial do diagnóstico da infecção por HIV.

**Objetivo:** Descrever um caso de SK em uma paciente previamente não diagnosticado com HIV.

**Método:** Relato de caso.

**Resultados:** Paciente masculino, 23 anos, pardo, natural e residente em São Paulo -SP, procurou pronto atendimento por